

6. Conclusões

Na atualidade, ao mesmo tempo em que é intenso o desejo de participação dos homens na criação afetiva de seus filhos, bem como o desejo das mulheres de que seus companheiros compartilhem o exercício da parentalidade de forma mais igualitária, se faz, todavia, presente no imaginário social a crença no amor incondicional da mãe e no instinto materno. A equivalência pai-provedor parece não estar mais tão presente nas famílias entrevistadas, mas a equivalência mãe-cuidadora ainda é fortemente valorizada.

A diferença entre os sexos existe e não deve ser desconsiderada ou muito menos anulada. Biologicamente homens não engravidam, não parem, não amamentam. Contudo, do ponto de vista psíquico é necessário ressaltar que tanto homens como mulheres passam por profundas transformações identitárias na transição para a parentalidade, sendo extremamente necessário que gestem, param e nutram seus filhos e suas novas funções parentais em seus psiquismos. Neste sentido, parece ser necessário um descolamento dos aspectos biológicos para que a sociedade em geral compreenda o momento de transformações pelo qual passam os homens na transição para a paternidade e possa, assim, acolher seus sentimentos. Quando se conseguir cuidar dos homens/pais, valorizando suas possíveis dores e angústias, talvez eles se sintam também mais autorizados/liberados para cuidar de seus filhos.

Talvez seja necessário legitimar o cuidado como intrínseco à subjetividade, sem distinção de sexos. Provavelmente, então, os homens consigam afirmar seu desejo de participação na relação afetiva com os filhos independentemente do grau de envolvimento que queiram ou possam desenvolver. Para que tal envolvimento afetivo se dê, parece ser necessário que seja fruto de desejo e não de imposição cultural. Sentindo-se mais autorizados, os homens poderão experimentar a paternidade da forma que lhes parecer mais verdadeira consigo mesmos.

O lugar do pai, sem dúvida, passa por grandes transformações, abrindo espaço para o desejo, mas também para o sofrimento gerado por tantas imposições. O ideal da família contemporânea, na qual pai e mãe trabalham, parece impelir o homem a participar ativamente da educação dos filhos também

devido à escassez de rede de apoio nos grandes centros urbanos. Neste contexto, o casal igualitário vê-se diante de um dilema frente à parentalidade: ao mesmo tempo em que os cônjuges carregam consigo valores referentes aos papéis tradicionalmente desempenhados por pai e mãe, necessitam ajustar tais valores ao modelo conjugal igualitário, o que acarreta em mudanças, desejadas ou não, no exercício da paternidade.

As mudanças no papel feminino possibilitaram alterações também no lugar ocupado pelo masculino e vêm proporcionando a ampliação da participação paterna no âmbito do cuidado. Ao mesmo tempo em que pode gerar sofrimento por ser percebida como uma imposição, tal ampliação abre espaço para a verbalização de desejos até então impensáveis, como o desejo de gravidez por parte dos homens, por exemplo.

Os homens/pais estão cada vez mais incluídos no processo da gestação, deixando-se atravessar pela gravidez, o que fica claro quando se autodenominam grávidos. Ao mesmo tempo, a autorização social para circular em um âmbito outrora estritamente restrito ao feminino, parece esbarrar nos limites do corpo. Não há autorização social para a vivência corporal da gravidez pelos homens, sendo notória a estranheza com a qual alguns entrevistados receberam a pergunta referente às mudanças no próprio corpo durante a gestação de suas parceiras.

O fato de os homens cada vez mais se deixarem incluir e requisitarem ampliação da sua participação na gestação desperta a atenção da sociedade para a gestação psíquica da parentalidade, para além do corpo biológico. Durante a gestação há que se elaborar – ou pelo menos entrar em contato com – conflitos infantis até então adormecidos e preparar-se para os novos papéis que serão desempenhados. Muitas mudanças ocorrem, sendo um momento sensível também para os homens.

Nas sociedades industrializadas atuais o ritual da *couvade* não se constitui em uma forma possível de elaboração das mudanças decorrentes da transição para a paternidade. No entanto, certamente outras formas possíveis de ritualização de tal transição existem em nossa cultura. No discurso dos sujeitos a ultrassonografia apareceu como uma ferramenta importante para a construção da imagem mental do bebê, constituindo-se, portanto, em um movimento elaborativo das mudanças que ocorrem no psiquismo dos pais. Neste sentido, parece ser uma forma de

ritualização inerente a esta etapa de transição do ciclo vital própria das sociedades industrializadas atuais, marcadas pelo uso da tecnologia e pelo biocentrismo.

Apesar de muitos homens/pais demonstrarem interesse e desejo em desempenhar atividades de cuidado com seus bebês, as dificuldades de adaptação às demandas contemporâneas que impelem o pai a participar ativamente das rotinas de cuidado com o filho, abrindo mão, em certa medida, do tempo que antes dispunham para si, também se fizeram presentes no discurso dos sujeitos. Ficou clara a ambivalência experimentada nesta fase em decorrência da flexibilização das fronteiras individuais por um lado, e do investimento na construção da díade pai-bebê por outro.

Nos relatos dos entrevistados, as trocas entre pai e filho, presentes desde o nascimento, apareceram como facilitadoras da construção do vínculo pai-bebê. Neste sentido, o parto apareceu no discurso dos sujeitos como um momento importante no despertar para a parentalidade nos homens por inaugurar a díade pai-bebê até então inexistente.

O envolvimento do homem na rotina de cuidados com o bebê é uma possibilidade para o pai investir no estabelecimento do vínculo com o filho, construindo uma relação de intimidade e proximidade, que garante um lugar para o homem no grupo familiar ao longo dos primeiros meses do bebê. Dessa forma, o investimento no vínculo pai-bebê por parte do pai é assegurador tanto para o filho como para o pai, que tende a ter minimizados seus sentimentos de exclusão.

A transição para a paternidade demanda construção diária, é um momento dinâmico e contínuo, que se dá por meio das relações do homem com sua família e consigo próprio. É um momento de adaptação, no qual os pais experimentam sentimentos contraditórios. Para que os homens possam lidar com os sentimentos inerentes a esta etapa do ciclo vital e ultrapassar tal período de transição com menos dificuldades é necessário que disponham de uma rede de apoio consistente.

Tudo indica que, por meio da problematização do lugar social atribuído à paternidade, estejamos diante de uma revolução masculina. Contudo, tal revolução paternal, iniciada há poucas décadas, provavelmente necessitará de várias gerações para concretizar-se plenamente. Talvez ao longo deste século seja possível apreciar a diversidade de paternidades, que incluem as variações étnicas e culturais, sem encerrar o lugar do pai em uma identidade universal.